

O CARÁTER INTERTEXTUAL DAS TRÊS FÁBULAS *O LOBO* E *O CORDEIRO*

Sandra Lopes Monteiro *

"Sendo o esquecimento, a neutralização dum discurso impossíveis (sic), mais vale trocar-lhe os pólos ideológicos. Ou então reificá-lo, torná-lo objeto de metalinguagem. Abre-se então o campo duma palavra nova, nascida das brechas do velho discurso, e solidária daquele. Quer queiram, quer não, esses velhos discursos injetam toda a sua força de estereótipos na palavra que os contradiz, dinamizam-na. A intertextualidade fê-los assim financiar a sua própria subversão."

(Laurence Jenny)

A fábula *O lobo e o cordeiro* de Millôr Fernandes é entremeada de contribuições vindas das fábulas de Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato e de outras leituras e informações apreendidas por seu autor. Esses múltiplos componentes, oriundos de diversas obras e experiências, entrelaçam-se em maior ou menor proporção neste texto.

A esse entrecruzamento de vários textos para a constituição de um só chama-se intertextualidade. Provar essa afirmação é o nosso trabalho. Este artigo que ora apresentamos faz parte de um trabalho maior em que se analisa a intertextualidade.

Se a intertextualidade, num sentido lato, não é privilégio das produções literárias modernas uma vez que aparece, ou melhor, caracteriza a produção literária em todas as épocas, é a partir do século XIX que ela adquire uma radicalidade sistemática na literatura. Há, a partir de então, a

* Universidade Federal do Paraná. Doutoranda em Linguística na USP, sob a orientação da Profa. Dra. Leonor Lopes Fávero.

¹ JENNY, Laurent, A estratégia da forma. Poétique n.27: *Intertextualidades*. Coimbra, Almedina, p. 44-5, 1979.

reelaboração sem fronteiras dos textos alheios - quer na forma, quer no sentido - marcando a obra literária moderna com o signo da desintegração, da apropriação livre, sem a obrigação de fidelidade à fala alheia. Um exemplo disso é a paródia.

Para Kristeva o texto "é uma intertextualidade, uma permutação de textos: no espaço de um texto vários enunciados, tomados a outros textos, se cruzam e se neutralizam. Todo texto é uma absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos."²

Para demonstrar a intertextualidade, vamos-nos valer dos textos de La Fontaine e Monteiro Lobato, procurando evidenciar o relacionamento deste com o de Millôr Fernandes.

Na fábula *O lobo e o cordeiro* há inicialmente, além do título idêntico, uma absorção de forma e de conteúdo emprestados a La Fontaine e Monteiro Lobato. Estamos diante de um texto em prosa como de Monteiro Lobato e de um conteúdo que na essência é o mesmo das outras fábulas: "A razão do mais forte é a única importante." Esta máxima revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não há argumentos.

Ao comparar autores ou, mais precisamente textos veiculadores de informações coletivas individualizadas, a intertextualidade não pode deixar de refletir o processo de absorção do real, existindo igualmente, no seu caso, um determinado *corpus* verbal ou literário com o qual o texto estabelece relações de dependência que não excluem a transgressão.

Do *lobo e o cordeiro* de La Fontaine, M. Fernandes traz para o seu texto elementos básicos como:

- | | |
|-------------------------|---|
| - as personagens: | o lobo e o cordeiro |
| - o local ou o cenário: | continua a ser um rio, que se transforma de ribeiro em rio. |
| - e, a estória: | o lobo e o cordeiro que desejavam matar a sede, encontram-se à beira de um rio. O lobo que via no cordeiro uma presa fácil, acusa-o de sujar a água do rio. |

² KRISTEVA, Julia apud FERREIRA, Edda Arzua. *Travessia*, Florianópolis: Ed. Universitária, v.3, p.25, 1981.

De Monteiro Lobato, o fabulista acata o tratamento carinhoso dado ao cordeiro, que passa a ser chamado de cordeirinho e realça o aspecto inocente deste personagem. Quanto ao lobo, este é mantido como uma figura traçoeira, por vezes amedrontadora e despojada de argumentos convincentes. O autor segue utilizando os textos das fábulas de maneira efetiva.

Cabe lembrar aqui o conceito desenvolvido por Julia Kristeva sobre contexto pressuposto e texto possuidor. A matéria contida nas fábulas citadas acima confirma a idéia de Kristeva que define o contexto pressuposto como o conjunto de textos - discursos anteriores e contemporâneos - que vão servir de suporte e fonte para o novo texto. *O cordeiro e o lobo* de Millôr Fernandes, texto possuidor, com base nos dados acima relacionados, apropria-se da estrutura de base das outras duas fábulas. Traz em si uma quantidade de elementos significativos; observamos vários textos se entrecruzando e que permitem a criação de sentido do novo texto. Assim, o sentido desta nova fábula é construído e Millôr Fernandes não só coloca na composição do seu texto o que nasce de si mesmo, mas, conscientemente ou não, retransmite mensagens por ele captadas em outras fontes. Imprime à sua criação o seu tom pessoal, que não dispensa a crítica, a caricatura, o pensamento político e os elementos culturais contemporâneos.

Sabemos então quais foram os aspectos retidos por M. Fernandes em sua Fábula. Desconhecemos ainda as modificações realizadas. Estas transformações receberam sobretudo influência do momento político, econômico-social que dominava o país. No contexto que envolve a fábula multiplicam-se elementos que testemunham a modernidade, o conhecimento das línguas, a industrialização, a cultura, etc.

Iniciamos observando as personagens. O cordeirinho se mantém como uma figura frágil, mas investido de cultura ("*Ein moment! Ein Moment!*" gritou o cordeirinho traçando lá o seu alemão kantiano.)"³, conhecedor dos seus direitos ("Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas")⁴ e sobretudo esperto para a argumentação e para a negociação ("Dou-lhe toda a razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei para cá todo o rebanho").⁵ É uma personagem astuta, que busca ganhar tempo na luta

3 FERNANDES, MILLÔR. O LOBO E O CORDEIRO. In: _____. *Fábulas fabulosas*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nódica, 1985. p. 20-21.

4 Ibid, p. 21.

5 FERNANDES, p. 21.

contra um inimigo já bastante conhecido: "perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com o lobo não adiantava argumentar."⁶

O lobo já não aparece na fábula de Millôr Fernandes como uma figura de aspecto amedrontador, mas sim de uma voz aterrorizante. Ele contrapõe um lobo esfaimado, de horrendo aspecto a um personagem de voz cavernosa, ameaçadora. O lobo é agora uma personagem que denuncia, que acusa, não mais toma satisfação ou pune por uma má-criação, e sim por um crime: "Vais pagar com a vida o teu miserável crime."⁷

Continuando, Millôr Fernandes enriquece a sua fábula lembrando simbolicamente dos benefícios do avanço industrial, na fala do cordeirinho que insiste em mostrar ao lobo que não é ele quem suja a água: "Mas como posso sujar a água que bebes se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda?"⁸

Há ainda a realçar o aspecto da informação. Ambas as personagens conhecem bem a "selva" que habitam, o tempo que vivem e o "clima" que os rodeia. Falam dos livros de lobologia, de Kant, do código milenar da "jungle", de Bernard Shaw, questionam e testam a inteligência ora incorporando o discurso do outro, ora praticando a ironia a crítica e por que não a sátira. O diálogo que o lobo e o cordeiro mantêm ao final do texto ilustra essa afirmação.

A transgressão aos textos de origem não se limita tão somente à atualização do texto; segundo Laurente Jenny, "a obra literária entra sempre numa relação de transformação ou rejeição, imitação ou paródia. Mesmo quando a obra se apresenta como algo que difere inteiramente dos códigos e padrões estabelecidos, sua própria estrutura de negação leva-os em conta, mesmo que para negá-los radicalmente."⁹

É interessante notar que a fábula analisada contraria dois pontos fundamentais em relação aos textos de origem:

1º) A vida do cordeiro é poupada. Naturalmente isto só foi possível devido ao instinto depredador do homem. "E já ia o lobo se preparando para devorar o cordeiro quando apareceu o caçador e o esquar-

6 FERNANDES, p. 20.

7 Ibid, p. 20.

8 Ibid, p. 20.

9 JENNY, p. 44-45.

tejou.”¹⁰ Como observa o próprio autor, na fala do lobo, o cordeiro é o alimento ideal dos lobos segundo os livros de lobologia.

2º) A moral se modifica. Não só o mais forte, o mais poderoso vence. Vence também aquele que argumentar com segurança. A palavra constrói, a palavra destrói. O lobo se vê em palpos de aranha, traído pela sua infundada e frágil argumentação. “Quando o lobo tem fome não deve se meter em filosofias.”¹¹

Podemos observar então, nesta fábula, como bem mostra Marilena Chauí no estudo que elabora que “o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique”.¹²

Millôr Fernandes, assim como Monteiro Lobato e La Fontaine deram aos seus textos um caráter bastante pessoal. Não desprezaram a essência da fábula que é uma observação minuciosa e demorada do comportamento do homem, transformada em lição de vida, mas apresentaram-nas como reflexo de um momento, de uma tendência literária e de uma inclinação pessoal. Em La Fontaine vemos o moralista, em Monteiro Lobato o contador de estórias infantis e em M. Fernandes o crítico, com tendência a sátira e a caricatura.

Assim as palavras de Esopo não se perderam. Elas endossam as de Bakhtin quando este se pronuncia sobre a hereditariedade da palavra. Afirma o autor que

“a palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para o outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou.”¹³

¹⁰ FERNANDES, p. 21.

¹¹ Ibid, p. 21.

¹² CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

¹³ BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981. p. 176

Notemos que, desse modo, a palavra, interagindo nos diversos textos, possibilita ser um mesmo discurso "dialogico". Mantém-se assim na fábula de Millôr Fernandes um dos princípios da intertextualidade: o da multiplicidade de vozes num só discurso. Permeando o seu texto com textos de La Fontaine e Monteiro Lobato, M. Fernandes estabelece assim contato com outros discursos e com o seu próprio. A intertextualidade situa-se no espaço do enorme e ininterrupto diálogo entre as obras que constituem a literatura. É um trabalho constante de cada texto com relação aos outros e no interior de si mesmo.

Porém, este caráter dialógico do texto não é restrito somente ao autor, também se estende ao leitor. Não há dúvida de que ao procedermos à leitura das fábulas estabelecemos um diálogo com o texto-autor, e todas as leituras e conhecimentos armazenados vêm à tona na forma de trânsito contínuo entre locutor-alocutário/autor-leitor.

A intertextualidade tem, presentemente, a grande responsabilidade de fornecer ao leitor, fechado freqüentemente em especialidades estanques, uma noção mais alargada da cultura como um todo dificilmente cindível.

Vinculando-se à opinião de muitos estudiosos, constatamos que a intertextualidade inscreve-se nas diversas funções da literatura, onde as obras agem umas sobre as outras e sobre os leitores; e são leitores e autores que trabalham sobre essa massa, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a, mantendo-a viva e atuante.

RESUMO

Este trabalho procura evidenciar o caráter intertextual de três fábulas e mostrar as funções desempenhadas pelos vários textos que se cruzam nessas fábulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELINI, Paulo Roberto Escudero. A intertextualidade em dois contos femininos. *Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Ensaios de semiótica. Belo Horizonte, v.4, n. 8, p.107-115, dez. 1982.
- ANGENOT, Marc. L' "intertextualité": enquête sur l' émergence et la diffusion d' un champ notionnel. *Revue des sciences humaines*, Villeneuve d' Ascq, n. 189, p. 121-135, jan. 1983.
- BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981. p. 176.
- BORRALHO, Maria Luisa Malato. Os pactos da intertextualidade: "Lisbon revisited" e o "cântico negro". *Cadernos de literatura*, Coimbra, n. 20, p. 37-54, abr. 1985.
- CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Intertextualidade: uma prática contraditória. *Cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Ensaios de semiótica. Belo Horizonte, p. 117-28, dez. 1982.
- FERNANDES, Millôr. O lobo e o cordeiro. In: _____. *Fábulas fabulosas*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985. p. 20-1.
- LA FONTAINE. O lobo e o cordeiro. In: *Fábulas de la Fontaine*. [s. l.] : Melhoramentos, 1970. p. 61-2 (obras imortais)
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. *Poétique: intertextualidades*, Coimbra, Almedina, n. 27, p. 44-5, 1979.
- KRISTEVA, Julia apud FERREIRA, Edda Arzua. *Travessia*, Florianópolis: Ed. Universitária, V. 3, p. 25, 1981.
- LOBATO, Monteiro. O lobo e o cordeiro. In: _____. *Fábula e histórias diversas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 130-2. (Obras completas de Monteiro Lobato, 2. série, v. 15)
- LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação: uma teoria interpretante*. São Paulo: Cultrix, 1978. 111 p.
- VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980. 238 p.
- SENA, Wagner da Rocha. A intertextualidade. *Veredas culturarte*, Teresina, n. 2, n. 4, p. 4-11, jul. 1988.